

O magistério do Papa Francisco como legado de sinodalidade em horizonte escatológico

El Magisterio del Papa Francisco como legado de Sinodalidad en horizonte escatológico

The Magisterium of Pope Francis as a legacy of Synodality in an eschatological horizon

Michel Musulin Soeltl¹

Resumo: Deus, atento ao sofrimento da humanidade ao longo da história, revelou-se por meio dos profetas, reacendendo a esperança em tempos de crise. Com a encarnação de Jesus Cristo, a revelação divina alcança sua plenitude, manifestando a sinodalidade como expressão do amor salvífico de Deus. Em um contexto marcado pelo secularismo, polarização e individualismo, a esperança, a comunhão e a sinodalidade parecem utópicas. Nesse cenário, o Papa Francisco surge como Profeta da Esperança, destacando a sinodalidade como horizonte escatológico da Igreja peregrina. Seu magistério evidencia o protagonismo do Espírito Santo na conversão dos corações e na transformação das atitudes humanas em favor do Reino de Deus. Por meio de encíclicas e exortações apostólicas, Francisco convida os cristãos a seguirem Jesus Cristo e a viverem uma missão comunitária e sinodal. Este artigo apresenta o magistério do Papa Francisco como inspiração para uma Igreja missionária, sinodal e aberta à ação do Espírito.

Palavras-chave: Missiologia; Sinodalidade; Polarização; Magistério; Papa Francisco.

Resumen: Dios, atento al sufrimiento de la humanidad a lo largo de la historia, se reveló a través de los profetas, reavivando la esperanza en tiempos de crisis. Con la encarnación de Jesucristo, la revelación divina alcanza su plenitud, manifestando la sinodalidad como expresión del amor salvador de Dios. En un contexto marcado por el secularismo, la polarización y el individualismo, la esperanza, la comunión y la sinodalidad parecen utópicos. En este escenario, el Papa Francisco surge como un Profeta de la Esperanza, destacando la sinodalidad como el horizonte escatológico de la Iglesia peregrina. Su magisterio destaca el papel del Espíritu Santo en la conversión de corazones y en la transformación de las actitudes humanas a favor del Reino de Dios. A través de encíclicas y exhortaciones apostólicas, Francisco invita a los cristianos a seguir a Jesucristo y a vivir una misión comunitaria y sinodal. Este artículo presenta el magisterio del Papa Francisco como inspiración para una Iglesia misionera y sinodal abierta a la acción del Espíritu.

Palabras clave: Misionología; Sinodalidad; Polarización; Magisterio; Papa Francisco.

¹ Doutorando em Teologia (PUC-SP). Mestre em Teologia (PUC-SP). Mestre em Engenharia Automotiva (USP). Bacharel em Teologia (Universidade Claretiana). Bacharel em Engenharia de Produção (IMT). Orientador e Acompanhante de Exercícios Espirituais Inacianos (FAJE). Membro do Grupo de Pesquisas Povo, Povo de Deus, Teologia e Sociedade (PUC-SP).





Abstract: God, attentive to the suffering of humanity throughout history, revealed himself through the prophets, rekindling hope in times of crisis. With the incarnation of Jesus Christ, divine revelation reaches its fullness, manifesting synodality as an expression of God's saving love. In a context marked by secularism, polarization and individualism, hope, communion and synodality seem utopian. In this scenario, Pope Francis emerges as a Prophet of Hope, highlighting synodality as the eschatological horizon of the pilgrim Church. His magisterium emphasizes the role of the Holy Spirit in the conversion of hearts and in the transformation of human attitudes in favour of the Kingdom of God. Through encyclicals and apostolic exhortations, Francis invites Christians to follow Jesus Christ and to live a community and synodal mission. This article presents the magisterium of Pope Francis as an inspiration for a missionary and synodal Church open to the action of the Spirit.

Key words: Missiology; Synodality; Polarization; Magisterium; Pope Francis.

1. Introdução

O Papa Francisco deixou para toda a Igreja um legado: Uma mensagem convergente entre *Evangelii Gaudium* (EG), *Laudato Si'* (LS), *Fratelli Tutti* (FT) e *Laudate Deum* (LD), de que a missão da Igreja reside em uma atitude concreta de misericórdia (FT, n. 60), caminhando em conjunto com a humanidade, por meio do diálogo (LD, n. 43), da participação ativa (EG, n. 28) de todos os seus membros e da valorização da vida e das vozes locais (EG, n. 16) para enfrentar as crises espirituais, sociais e ambientais (LS, n. 14) do mundo contemporâneo, oferecendo um horizonte escatológico de esperança para o mundo.

Na prática, seu magistério nos impulsiona a promover ações em comunhão e de forma sinodal, através da leitura orante da vida, da interpretação dos sinais dos tempos, através da escuta do Espírito (EG, n. 14), do diálogo inter-religioso (EG, n. 250) e da dedicação e atenção necessárias aos pobres, migrantes e periferias existenciais (EG, n. 17). Penso no magistério de Francisco como um "Poço Vivo de Esperança", de onde podemos, assim como a Samaritana (Jo 4,1-39), beber em uma fonte de água que sacia nossa sede por um horizonte de caminhos e possibilidades de vida nova, amparado no Evangelho de Jesus Cristo e nos princípios do Reino de Deus².

Escutar, Encontrar e Discernir, foram três dos verbos mais utilizados em seu Pontificado e magistério. Logicamente esses nos remetem à Espiritualidade da Ordem Jesuíta, que tem como Mistagogia a conversão do coração por meio da Escuta da Palavra, do Encontro dessa Palavra com a nossa realidade e da Verdadeira Conversão do Coração pelo Discernimento Espiritual para as nossas Eleições³. "A ação de escutar é imprescindível para a sinodalidade. Francisco recordava isso constantemente: Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, com a consciência de que escutar 'é mais que ouvir'. É uma escuta recíproca na qual cada um tem algo a aprender" (Gonzales; Andrade-Quiroz, 2025, p. 7).

2 O Reino de Deus é um conceito de sociedade onde todos possuem lugar à mesa, com sua dignidade humana preservada e com seus direitos plenamente atendidos, por meio de uma relação de fraternidade, amor e compaixão entre as pessoas, tendo Jesus Cristo como Modelo de Vida e Deus Pai como fim último de nossas existências.

3 Eleição na Espiritualidade de Santo Inácio (Patrono da Companhia de Jesus e Autor dos Exercícios Espirituais) significa decisão, escolhas, que são realizadas a partir do Discernimento dos Espíritos, ou seja, da ação da Terceira Pessoa da Trindade em nosso interior, iluminando nossos sentimentos para que possamos escolher a melhor decisão para melhor servir a Deus Nosso Senhor.

Nos Exercícios Espirituais Inacianos deixamo-nos conduzir pelo Espírito de modo a escutar o que Deus almeja para nossas vidas e assim deixamo-nos “desconstruir para nos reconstruir”, à luz dos ensinamentos do Ressuscitado. Transformamo-nos em Peregrinos de Esperança em um mundo cada vez mais polarizado. A escuta deve nos levar ao encontro – de corações e de mentes – que viabilizará a construção de pontes de “diálogo paciente e confiante” (EG, n. 134) em ações concretas na vida cotidiana, reduzindo ou contornando o antagonismo antropológico e sistêmico de nossa cultura digitalmente artificial. “Trata-se de um chamado a acolher o testemunho de cada pessoa e a deixar-se conduzir pelo Espírito, que nos fala por meio da pluralidade das experiências e realidades, e que nos surpreende ao apresentar caminhos inéditos e novas formas de expressão” (Arbuckle, 2024, p. 86-103).

Por fim, devemos discernir, ou seja, fazer escolhas concretas e ser Cristo de novo hoje. “Em termos eclesiais, discernir consiste em dispor-se a escutar a voz do Espírito Santo para interpretar os sinais dos tempos, com o propósito primário de elaborar conceitos e teorias para orientar a ação e a práxis” (Gonzales; Andrade-Quiroz, 2025, p. 9). De fato, a estrutura Escutar-Encontrar-Discernir forma o horizonte epistemológico dos Exercícios Espirituais, que como Jesuíta o Papa Francisco conhecia e aplicava em seu dia a dia. Analogamente, podemos dizer que a Teologia de Francisco trazia em seu coração a Mistagogia e a Teologia dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Nesse contexto, pretendemos fazer aqui uma breve reflexão com o leitor sobre como o Magistério do Papa Francisco pode ser utilizado como fonte de sinodalidade para um horizonte escatológico de salvação e redução da polarização do mundo.

A polarização possui uma causa bem clara: O isolacionismo e individualismo da sociedade, que é impulsionada por uma cultura de consumo e desempenho e que, por sua vez, alimenta e retroalimenta a idolatria ao Falso Senhor – Capital Financeiro. Por meio do magistério de Francisco, poderemos encontrar uma infinidade de conhecimentos e ensinamentos, que nos ajudarão no caminho da santidade que todo batizado em Cristo deve perseguir, e, pelo encontro íntimo e pessoal com Cristo Ressuscitado, nos colocar diante do horizonte pelo qual fomos criados, “louvar, reverenciar e servir a Deus nosso Senhor” (Exercícios Espirituais, n. 23) e então, retomar a comunhão à luz dos ensinamentos do Evangelho, cujos princípios são totalmente antagônicos à polarização atual.

2. A Missão da Igreja em Tempos de Polarização

Falar em missão da Igreja é lembrar a importância do testemunho “[...] tendo o mesmo espírito de fé a respeito do qual está escrito: Acreditei, por isso falei, cremos também nós, e por isso falamos” (2Cor 4,13) e do serviço no mundo concreto, “Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,17). O mundo de hoje, marcado pelo excesso de individualismo e polarização, nos apresenta um cenário complexo para testemunhar e para agir, pois as pessoas acabam se isolando umas das outras em busca de suas felicidades materiais:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres



superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. (EG, n. 2)

O Papa Francisco permaneceu pontífice da Igreja Católica por 13 anos. Durante o seu pontificado, elaborou suas cartas encíclicas e exortações, fundamentadas na eclesiologia do Concílio Vaticano II (CVII) e das primeiras comunidades cristãs, que eram caracterizadas por uma prática orientada e impulsionada pelo Espírito Santo.



Evangelii Gaudium – Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual – inaugurou seu pontificado e nos recordou que “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quando se deixam salvar por Ele são libertos do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” (EG, n. 1). E é neste sentido, de reencontro com o Ressuscitado, que podemos balizar nosso processo de conversão e, assim, encontrar possíveis soluções para combater a polarização do mundo.

3. Mudança do Paradigma de Missão

A missão como “[...] toda atividade pastoral e sacramental, bem como as diversas formas de seu serviço ao homem no sentido do Evangelho” (Geffré, 1989, p. 298) é, sem dúvida, princípio basilar da epistemologia teológica do Papa Francisco, que colabora com uma hermenêutica atualizada – somado aos documentos conciliares *Ad Gentes* e *Lumen Gentium* – da missão da Igreja no mundo atual. Nesse sentido, partindo da evolução do conceito de missão a partir do CVII, que deixou de lado antigos conceitos mais centralizados na identificação de locais e povos “não evoluídos ou civilizados” para sua conversão e “evolução”, a consciência missionária da Igreja teve uma grande mudança.

Até a década de 1950, a palavra “missão”, mesmo não sendo usada numa acepção unívoca, tinha um conjunto de sentidos razoavelmente circunscrito. Ela designava: a) o envio de missionários a um território especificado; b) as atividades empreendidas por tais missionários; c) a área geográfica em que os missionários atuavam; d) a agência que expedia os missionários; e) o mundo não cristão ou “campo de missão”; ou f) o centro a partir do qual os missionários operavam no “campo de missão” (Bosch, 2014, p. 17).

“Nos dias de hoje a humanidade vive em condições inteiramente novas. Sal da terra e luz do mundo, a Igreja é chamada, com urgência, a salvar e a renovar toda a criação, para que tudo seja instaurado em Cristo” (AG, n. 1). Partir em missão é colocar o Ressuscitado como centro de nossas vidas, como modelo a ser seguido e, conseqüentemente, tornar o Deus invisível de misericórdia e amor, visível a todos os irmãos e irmãs de nossa casa comum. “Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos” (LG, n. 3).

Para tanto, é necessário realizarmos um “encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele” (EG, n. 3), pois seremos “[...] povo de Deus, como comunidade exodal em tensão para o reino” (Geffré, 1989, p. 300) e entenderemos a missão “dentro de um movimento dinâmico mais amplo, o do amor do Pai pelo mundo” (Congar, 1967, p. 185-194).

4. A Polarização e a necessidade de uma Voz Profética de Esperança

A pandemia da COVID-19 – que assolou o mundo entre 2020 e 2022 – demonstrou a fragilidade das estruturas e instituições governamentais, bem como, evidenciou a falta de capacidade ou sensatez de agir, principalmente nos países mais desenvolvidos e de elevada reserva financeira, para com a dignidade humana em tempos de pandemia.

Vimos em diversos países, principalmente nos Estados Unidos, onde não há um sistema público de saúde, milhares de pessoas morrerem por falta de atendimento por não terem condições financeiras para arcar com despesas hospitalares. Em Nova Iorque, por exemplo, centenas de corpos iam se empilhando nas ruas em frente as clínicas e hospitais particulares. Estamos inseridos em um mundo marcado pela “religião do capitalismo” no qual a economia é mais importante do que a vida. Passamos a seguir um Falso Senhor – o Capital Financeiro – e deixamos de ser discípulos de Jesus Cristo e de lembrar de seu ensinamento: “Ninguém pode servir a dois senhores [...] Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro” (Mt 6,24).

Nesse sentido, a polarização do mundo atual é uma consequência do estilo de vida praticado pela grande maioria dos seres humanos, que é condicionado ao seguimento errôneo da idolatria ao dinheiro e consumo, nos fazendo sacrificar a vida – humana e não humana – em benefício da geração de riqueza e do acúmulo de bens materiais.

A adoração do antigo bezerro de ouro (cf. Êx 32,1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano. A crise mundial, que investe as finanças e a economia, põe a descoberto os seus próprios desequilíbrios e sobretudo a grave carência duma orientação antropológica que reduz o ser humano apenas a uma das suas necessidades: o consumo” (EG, n. 55).

“A idolatria do ter é um desdobramento do consumismo acelerado e da cultura do descarte, dos quais emerge a perda do sentido da vida tão presente nos tempos atuais. À medida que somos condicionados a viver como geradores e consumidores de produtos e serviços, e não mais como seres humanos, passamos a ser valorizados apenas pelo quanto produzimos ou consumimos e deixamos de lado os aspectos relacionais” (Soeltl, 2025, p. 109).

Nesse contexto, como adquirir e acumular bens passaram a ser os critérios de felicidade, a Teologia do Domínio, que “se apossa de uma linha de interpretação fundamentalista” (Ot-



taviani; Henrique, 2025, p. 102) amplia seus seguidores. Suas correntes “afirmam que Deus convoca os cristãos conservadores a dominarem a sociedade, controlando as instituições políticas e sociais” (Ottaviani; Henrique, 2025, p. 100), então, o outro passa a ser um objeto de uso para as suas finalidades materiais, transformando os seres humanos em entes descartáveis, quando alcançam seus propósitos ou quando não servem às suas necessidades.

Essa maneira de descartar os outros pode assumir diversas formas, como a obsessão por reduzir os custos trabalhistas sem se preocupar com as graves consequências, já que o desemprego que ela gera diretamente leva ao aumento da pobreza. Além disso, a propensão a descartar os outros se expressa em atitudes perversas que pensávamos estarem superadas, como o racismo, que se esconde apenas para ressurgir constantemente (FT, n. 20).

Nesse sentido é que vemos a grande contribuição do Papa Francisco e sua postura profética de esperança, que nos traz reflexões e orientações para um correto discernimento e conversão, de modo a retomarmos o conceito da missão original e da busca à construção do Reino de Deus no aqui e agora, cuidando de si, do próximo e da casa comum.

5. A Profecia e o Chamado à Ação

A desordem do mundo no âmbito social e econômico gera também fortes consequências para a ecologia e o meio ambiente, pois o homem acaba por explorar, sem limites, os recursos naturais de nossa casa comum, gerando o desequilíbrio ambiental e, conseqüentemente, surgem catástrofes naturais que recaem a todos nós. Os maiores prejudicados são os mais pobres e necessitados, que não possuem recursos para minimizar os efeitos em suas vidas.

O Papa Francisco demonstrou sua “profunda preocupação com o cuidado da nossa casa comum” (LD, n. 2), e ao longo de seu pontificado profético nos alertou que “com o passar do tempo [...] não estamos a reagir de modo satisfatório, pois este mundo que nos acolhe está se esboroando e talvez aproximando dum ponto de ruptura” (LD, n. 2).

Assim como no contexto do Antigo Testamento, onde os profetas procuravam chamar a atenção do Povo Escolhido e de suas Lideranças quanto às consequências de suas ações que não colocavam os pobres, marginalizados, excluídos e necessitados no centro de suas decisões, Papa Francisco, de maneira resiliente, nos lembrava que era fundamental a conversão do coração para que assim pudéssemos “criar um equilíbrio e uma ordem social mais humana” (EG, n. 57). Ele nos chamou para a ação, incentivando-nos à luz do Evangelho a “enfrentar os diferentes desafios que se nos podem apresentar” (EG, n. 61), e a nos incentivar a agir a partir de nosso local de fala e vida, pois somos chamados e convocados à Santidade pelo Sacramento do Batismo.

A partir de nossa “nova vida”, somos incorporados na comunidade de Jesus Cristo – que é a Igreja – e essa própria Igreja “[...] é uma instituição credível perante a opinião pública, fiável





no que diz respeito ao âmbito da solidariedade e preocupação pelos mais indigentes” (EG, n. 65) e é por meio dela que poderemos ser “sacramento da presença de Deus em toda a humanidade” (Geffré, 1989, p. 301).

“A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser sacramento universal de salvação, por íntima exigência da própria catolicidade, [...], no estado atual das coisas, de que surgem novas condições para a humanidade, [...] é sal da terra e luz do mundo” (AG, n. 1). A voz da profecia procura nos despertar, e despertados, poderemos nos deixar conduzir pelo Espírito e reformar nossas vidas, partindo então para a práxis no mundo, concretizando uma Igreja peregrina, de esperança e de missão.

6. A Práxis e a Redução da Polarização

Além da própria conversão pessoal, que passa pelo encontro íntimo com Jesus Cristo e uma resignificação de vida, é imperativo que possamos agir para implementar o Reino de Deus em nossa comunidade. A Igreja em si é comunidade que se encontra em memória de nosso Salvador. “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

Mas como aproximar polos divergentes, reduzir antagonismos e trabalhar para a convergência de um ponto de partida em comum? A resposta está na sinodalidade como horizonte escatológico pois, na prática do Povo de Deus em “caminhar juntos”, com olhar compassivo de misericórdia e amor para a compreensão do mundo, procuraremos pontos de convergência, amando-nos uns aos outros (Jo 13,34) como Jesus Cristo nos amou.

7. O Testemunho e a Práxis Particular

A ação, ou seja, o testemunho de vida no mundo concreto, nos é apresentado pela conduta de vida das primeiras comunidades cristãs, e foi o alicerce da pedra angular da Igreja de Jesus Cristo, que deu sustentação a mais de 2000 anos de história. A forma de ser e de viver dos primeiros discípulos, propiciou uma nova leitura da realidade e fez brotar a esperança de tantas pessoas assoladas pela guerra, exclusão, privação de suas necessidades materiais básicas e acendiam o interesse no conhecimento dos princípios que regiam os primeiros cristãos.

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações [...] Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos, entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Tempo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade do coração (At 2,42-43).



A ação particular de cada um de nós fará florescer a comunidade que é exatamente o oposto do isolacionismo e individualismo que vivemos atualmente no mundo secularizado. O processo de secularização promoveu a cientificidade e descaracterizou a humanização entre os povos.

A divisão entre “nós e eles”, típica dos dias de hoje e amplificadas pelas redes sociais, dividiu os cristãos, criou muros à comunicação e ampliou a polarização. “Ante os desafios do mundo moderno, a divisão dos cristãos é permanente obstáculo à obra de evangelização confiada à Igreja por Cristo” (Geffré, 1989, p. 302). A missão consiste na transformação do homem e deve levar-nos e conduzir-nos ao Reino: “Todos os cristãos são chamados a evangelizar com suas palavras e com seus atos” (Geffré, 1989, p. 302).

8. A Sinodalidade como Caminho do Testemunho e Práxis Particular

“A atividade missionária se situa entre a primeira e a segunda vinda do Senhor, quando a Igreja será reunida no reino de Deus como uma colheita, vindo dos quatro cantos da terra. Antes pois que venha o Senhor é preciso pregar o Evangelho a todos os povos” (AG, n. 9). No caminho do exercício da práxis em nosso cotidiano, haveremos de interagir e colaborar uns com os outros de forma harmônica e alinhada com os princípios do Evangelho. Neste caminho somos impulsionados pelo Espírito Santo.

O Espírito que nos irmana na comunhão participativa, que nos impulsiona à participação corresponsável, que nos motiva à corresponsabilidade missionária, é o mesmo Espírito que renova as estruturas e os processos eclesiais para que sejam mediações cada vez mais evidentes do estilo sinodal [...] sinodalidade é caminhar juntos, mas só caminham juntos aqueles que se reconhecem como iguais, que se sentem membros do Povo de Deus com a mesma dignidade e chamados à corresponsabilidade (Conferência Episcopal da Colômbia).

De fato, a sinodalidade deve ser compreendida pela comunhão e participação na missão, onde a própria comunidade fará seu discernimento e testemunho. “Desta maneira, a sinodalidade se apresenta como uma característica inerente à Igreja, oferecendo um marco interpretativo mais adequado para compreender [...] o papel do Espírito Santo na vida eclesial” (Gonzales; Andrade-Quiroz, 2025, p. 5). “É na experiência do diálogo que posso descobrir que não aplico em minha vida a verdade para a qual apelo, ao passo que o outro pode ser levado a viver a verdade em sua vida” (Geffré, 1989, p. 306).

9. O Protagonismo do Espírito no Magistério do Papa Francisco

Refletir sobre o Magistério do Papa Francisco e de sua contribuição para ações que podem reduzir a polarização do mundo e promover a conversão de corações e mentes, é diretamente exaltar o Protagonismo do Espírito Santo em seu magistério. O discernimento espiri-

tual para escutar o Evangelho com os ouvidos do coração, é fundamental para a verdadeira conversão pessoal pois “[...] não há desenvolvimento da vida cristã sem decisões pessoais em resposta às moções divinas; daí a importância de interpretar o discernimento dos espíritos como um processo de tomada de decisão” (Friz De Col, 2026, p. 10).

O Papa Francisco, como jesuíta, procurou mostrar a importância da conversão do coração e da efusão da terceira pessoa da Trindade em nossas vidas como protagonista dessa mudança. O Espírito colabora com a transmutação de nossa interioridade à luz do Evangelho e conseqüentemente, passamos a ter uma visão mais compassiva e crítica do mundo. Passamos então a perceber, entre outras coisas, que a nossa casa comum e sua comunidade de vida não possuem recursos ilimitados e disponíveis para uma exploração predatória, e “[...] tendo em conta que o ser humano também é criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz [...] não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas” (LS, n. 43).



10. A Efusão do Espírito – O Caminho da Sinodalidade

Profeta do Espírito Santo, Papa Francisco ecoa a palavra coração por 77 vezes em *Evangelii Gaudium*. Lembra-nos Francisco das qualidades de um verdadeiro coração cristão: compaixão e misericórdia, que na Teologia Inaciana são as qualidades primeiras de Deus. Para ensinar a palavra é preciso que “aquele que prega deve conhecer o coração da sua comunidade para identificar onde está vivo e ardente o desejo de Deus e onde é que este diálogo de amor foi sufocado ou não pôde dar fruto” (EG, n. 137).

O coração apaixonado por Deus é compassivo, misericordioso e conseqüentemente ouve e escuta melhor. O diálogo floresce e a reconciliação se frutifica. Deus, que ao longo da história procurar revelar-se e restabelecer a aliança com seus filhos e filhas, dialoga com a humanidade através da natureza, do verbo encarnado e da efusão do espírito.

Na encíclica *Fratelli Tutti* (2020), o Papa Francisco aprofunda a perspectiva de uma fraternidade universal, alicerçada na solidariedade e no reconhecimento inalienável da dignidade de cada ser humano. Nesse documento, Francisco critica duramente o individualismo, o populismo excludente e o fechamento egoísta das nações. Ele propõe um novo paradigma de relações humanas e sociais, ancorado na fraternidade, no diálogo e na paz (Valeque, 2025, p. 189).

“O Espírito Santo é quem unifica na comunhão e no ministério e enriquece com diversos dons [...] toda a Igreja, através dos tempos, dando vida [...] sendo como que alma delas, e instalando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo” (AG, n. 4). Assim, o protagonismo da Terceira Pessoa da Trindade é condição sine qua non para a materialização da sinodalidade e condução pelos princípios da Boa Nova de Jesus Cristo.

11. Deixar-se Guiar e se Conduzir pelo Espírito leva à Encarnação do Evangelho

“A Igreja não deve, com efeito, ser considerada somente como o povo dos que foram reunidos pela palavra em Jesus, mas também como o sacramento da presença de Deus em toda a humanidade” (Geffré, 1989, p. 301). É preciso tornar visível a todos, o Deus invisível de nossa fé. A missão consiste exatamente nisso: Transformação do Homem e Encarnação do Evangelho em sua vida concreta.



Lembramos que nesse processo nada nos é imposto e que Deus, no seu amor incondicional, nos dá até a liberdade de não o amar e de não o seguir. De fato, vemos concretamente em seu Filho a mesma postura, de Pai Misericordioso, que estende a mão a um convite de amor: “Se alguém quer vir após mim, [...], tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). Porém é preciso ressaltar que, em um mundo secularizado, idolátrico do capital financeiro, individualista e polarizado, somos cada vez mais levados a nos afastar e a nos distanciar de Deus e assim como o filho pródigo, procuramos pedir a parte da herança e riquezas materiais que nos “competem” para viver uma vida sem sentido, investindo nossa felicidade em terrenos perecíveis e mundanos (Lc 15,11-32).

Nesse contexto acabamos em embates e conflitos com o próximo, transformando irmãos e irmãs de caminhada em inimigos e competidores, e acabamos deixando que o medo e a indiferença guiem nossas ações, isolando-nos e afastando-nos de uma vida comunitária e sinodal. Deus que, em sua essência, é comunitário (Pai, Filho e Espírito Santo), deixa de ser o norte de nossas vidas e a desesperança cresce. Nesse sentido, a Mistagogia Inaciana propõe uma pedagogia de encontro íntimo com o Pai, e assim aprendemos a contemplar Jesus e tê-lo como modelo de vida e referência para as nossas ações e atitudes.

Em um tempo marcado por múltiplas crises, a Espiritualidade cristã é chamada a oferecer não apenas elaborações conceituais, mas caminhos concretos de sentido capazes de sustentar a vida, orientar escolhas e alimentar a esperança” (Serrato, 2026, p. 15). Desse modo, o magistério de Francisco colabora com luzes, inspirações e reflexões, para que possamos nos deixar guiar pelo Espírito e, conseqüentemente, testemunhando a partir de nossas ações, encarnar o Evangelho em nossas realidades, provendo uma esperança escatológica da construção do Reino de Deus no mundo, unindo o Povo de Deus e reduzindo sua polarização e antagonismo.

12. Considerações Finais

Apesar do conceito de missão ter evoluído ou sido “arejado” a partir do CV II, diante da polarização sistêmica e social que vivemos, muitas vezes a própria fé passa a ser instrumento de dominação e acirra cada vez mais o antagonismo, a polarização e a falta de fraternidade entre os seres humanos. Em paralelo, o individualismo e o egoísmo ganharam protagonismo na vida de homens e mulheres, adultos e crianças, colocando o consumismo como alternativa para curar as feridas do materialismo e relativismo que nos afastaram pouco a pouco de Deus.



Diante desse cenário de medo e aflição, o Papa Francisco surgiu como Profeta da Esperança, procurando, por meio de seu Pontificado, nos lembrar que Deus nos ama e que o segredo para vencer o medo é caminharmos juntos, com olhos misericordiosos e compassivos diante da criação. É nesse contexto que procuramos de maneira singela neste artigo apresentar algumas reflexões sobre o magistério do Papa Francisco, que nos convida a uma transformação íntima de coração, alma e espírito, onde no horizonte escatológico da sinodalidade, encontraremos o Verdadeiro Senhor.

Se escutarmos com os ouvidos do coração a mensagem de suas cartas encíclicas e exortações, deixaremos que o Espírito Santo flua em nós e através de nós, e criaremos meios de transmitir os princípios de nossa fé para outros povos e culturas, não nos limitando apenas a traduzir os textos, mas deixando-nos impulsionar e inspirar pelo Espírito, aumentando a “criação no Espírito Santo, pelas Igrejas Locais” (Gefrré, 1989, p. 304). A Evangelização passará a ser remédio prático para a redução da polarização que nos assola, e a missão retornará ao seu sentido original, onde seremos Sal e Luz do Mundo (Mt 5,13-16), deixando de lado o viés do expansionismo e força do período medieval, e reafirmando o convite de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo em nossas vidas e realidades.

13. Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2024.

ARBUCKLE, Gerald A. **The Synodal Way: Catholic Identity or Identities?** The Australasian Cathilic Record. Australia, 2024, Vol.101, n.1. p.86-103.

CONCÍLIO VATICANO II. **Ad Gentes**. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium**. Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano II sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONFERENCIA EPISCOPAL DA COLOMBIA. **El estilo sinodal de los organismos eclesiales de participación**. Disponível em: <<https://www.cec.org.co/sites/default/files/2023-02/EL%20ESTILO%20SINODAL%20DE%20LOS%20ORGANISMOS%20ECLESIALES%20DE%20PARTICIPACION%CC%81N%2010%20ENERO%20copia%20%281%29>. Pdf> Acessado em 22 Mar 2026.

CONGAR, Yves. **Principes Doctrinaux**. L'Activité missionnaire de l'Église. Paris, 1967, p.185-194.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2023.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Sobre a Fraternidade e a Amizade Social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si'**. Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Laudate Deum**. A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática. São Paulo: Paulinas, 2023.

FRIZ DE COL, Rossano. **Vida cristã Inaciana: uma nova mentalidade para a pós-modernidade**. Revista Itaici de Espiritualidade Inaciana, 2026, Vol.143, março. p.5-14.

GEFFRÉ, Claude. **Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica**. São Paulo: Paulinas, 1989.

GONZÁLEZ, Santiago Andrés Sierra; ANDRADE-QUIROZ, Angie Tatiana. **Sinodalidad como faro de esperanza: escuchar, encontrar y discernir em el pontificado de Francisco**. Theologia Xaveriana. Colômbia, 2026, Vol.76, n.1. p.1-31.

LOYOLA, Santo Inácio. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Loyola, 2000.

OTTAVIANI, Edécio; HENRIQUE, Luis. **Teologia do Domínio: a instrumentalização da religião a serviço dos interesses políticos e financeiros**. In: LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa; OTTAVIANI, Edécio. Evangelho e Resistência: Igreja, Neoliberalismo e cultura do poder. Campinas: Saber Criativo, 2025. p.96-117.

SERRATO, Andreia. **A espiritualidade inaciana como horizonte de sentido**. Revista Itaici de Espiritualidade Inaciana, 2026, Vol.143, março. p.15-24.

SOELTL, Michel Musulin. **Missiologia em Tempos de Inteligência Artificial – Desafios e Oportunidades para o Despertar da Fé na Era Digital**. Curitiba: CRV, 2025.

VALEQUE, Adamo Fernando. **O Pontificado do Papa Francisco como contraponto ao pensamento neoliberal e à cultura do consumo e do descarté**. In: LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa; OTTAVIANI, Edécio. Evangelho e Resistência: Igreja, Neoliberalismo e cultura do poder. Campinas: Saber Criativo, 2025. p.175-194.

Recebido: 04 de abril de 2026

Aceito: 24 de abril de 2026